

N.º 7
Novembro
2012
Revista
Anual

memorial

Paróquias

Arreigada, Ferreira e Frazão



ANO DA FÉ



ANO DA FÉ 2012
2013



A CAPA

Ano da Fé

ÍNDICE

<i>Igreja Universal</i>	4
VII Encontro Mundial das Famílias	
Sínodo dos Bispos para «mundo des cristianizado»	
Santa Missa para Abertura do Ano da Fé	
Há 50 anos, o Concílio: uma síntese do Vaticano II	
<i>Igreja Diocesana</i>	17
Carta de D. Manuel às famílias	
Missa das Famílias - Homília	
Porto: Diocese revela plano para Ano da Fé	
Carta de D. Manuel de partida para o Sínodo dos Bispos	
Intervenção no Sínodo dos Bispos de D. Manuel	
Carta de D. Manuel de Roma aos Diocesanos do Porto	
<i>As nossos Comunidades</i>	30
Celebrações em tempo de Natal	
Festa da S ^a das Candeias e S. Brás	
Festa do Pai	
A Família, uma Equipa “ganhadora”	
A catequese e suas festas	
Peregrinação a Fátima	
Festa do Rosário	
Homília na Festa do Rosário	
<i>Os Nossos Centros Sociais</i>	38
Magusto	
Aulas de Ginástica	
Almoço de Natal	
Festa de Natal das Crianças	
Centro Paroquial de Arreigada	
Dia da Paróquia e do Padroeiro	
Festa da Amizade	
Passeio Anual de Idosos e Crianças	
Novo espaço para os nossos centros sociais	
<i>Voz do Pastor</i>	44
<i>Agenda Pastoral</i>	46

memorial

Ficha técnica - Propriedade e edição: Paróquias de Arreigada, Ferreira e Frazão. **NIPC:** 501537910
 Casa Paroquial de Arreigada **Tel.** 255 880 890 / **Fax:** 255 880 899
E-mail: cartorio@paroquiasaff.net

Director: P.e Samuel Guedes

Redacção: Albino Pinto

Produção gráfica: O Progresso - Edições e Publicidade, Lda

Impressão: Diário do Minho

Periodicidade: Anual **Tiragem:** 1500 ex.

Depósito Legal: 251458/06

N.º de Registo na E.R.C.: 125067

Editorial

A Igreja entrou no dia 11 de outubro no Ano da Fé. O documento que nos dá orientações para este tempo, até ao dia 24 de Novembro de 2013, é a carta apostólica “Porta da Fé. Nele podemos verificar que O Ano da Fé quer contribuir para uma conversão renovada ao Senhor Jesus e à redescoberta da fé, para que todos os membros da Igreja sejam testemunhas credíveis e alegres do Senhor Ressuscitado no mundo de hoje, capazes de indicar a “porta da fé” a tantas pessoas que estão em busca.

Todas as iniciativas para o Ano da Fé têm em vista favorecer a alegre redescoberta e o testemunho renovado da fé. Por isso somos todos convidados a empenharmo-nos, a fim de que este Ano seja a ocasião privilegiada para partilhar aquilo que o cristão tem de mais caro: “Cristo Jesus, Redentor do homem, Rei do Universo, “autor e consumidor da fé”.

Uma comunidade paroquial, responsável e viva, deve começar já a viver o Ano da Fé, conhecendo e meditando atentamente a Carta Apostólica Porta fidei, de Bento XVI e a Carta do Bispos da nossa Diocese do Porto. Este Ano é uma “ocasião propícia também para intensificar a celebração da fé na liturgia, particularmente na Eucaristia”.

O Catecismo da Igreja Católica há-de ser um extraordinário dom para este Ano da Fé. As nossas paróquias, e todos os católicos devem ter um «empenho renovado na difusão e na distribuição do Catecismo da Igreja Católica ou de outros subsídios adequados às famílias.

Seja este Ano da Fé o tempo propício para aprofundarmos os nossos conhecimentos sobre as razões do nosso acreditar, assim, conseguiremos a nossa adesão a Jesus Cristo e à sua Igreja.

informações úteis

SECRETARIA GERAL DAS TRÊS PARÓQUIAS

Casa Paroquial de Arreigada **Tel.** 255 880 890 / **Fax:** 255 880 899
E-mail: cartorio@paroquiasaff.net

PARÓQUIA S. PEDRO DE ARREIGADA **E-mail:** arreigada@paroquiasaff.net
Atendimento: diariamente, das 9 às 12h30 e das 15h30 às 20 h.
CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL **Tel.** 964 306 247 - **Fax:** 255 880 899
E-mail: csparreigada@paroquiasaff.net

PARÓQUIA DE S. PEDRO DE FERREIRA **E-mail:** ferreira@paroquiasaff.net
Atendimento: 4^a às 20h30. **Tel.** 255 880 890
CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL **E-mail:** cspferreira@paroquiasaff.net
Tel. 964 306 248 - **Fax:** 255 880 899

PARÓQUIA S. MARTINHO DE FRAZÃO **E-mail:** frazao@paroquiasaff.net
Atendimento: 3^a às 20h30.
CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL **E-mail:** cspfrazao@paroquiasaff.net
Tel. 964 307 258 - **Fax:** 255 880 899
Pavilhão Gimnodesportivo **Tel.** 964 306 239



VII ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS

*HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
Domingo, 3 de Junho de 2012*

***Venerados Irmãos,
Distintas Autoridades,
Amados irmãos e irmãs!***

Grande momento de alegria e de comunhão é este que vivemos ao celebrar o Sacrifício Eucarístico, nesta manhã. Está reunida com o Sucessor de Pedro uma grande assembleia, composta por fiéis vindos de muitas nações. Nela temos uma expres-

siva imagem da Igreja, una e universal, fundada por Cristo e fruto da missão que Jesus, como ouvimos no Evangelho, confiou aos seus Apóstolos: «Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 18-19). Saúdo com afecto e gratidão o Cardeal Angelo Scola, Arcebispo de Milão, e o Cardeal Ennio Antonelli, Presidente do Pontifício Conselho para a

Família, principais artífices deste VII Encontro Mundial das Famílias, bem como os seus colaboradores, os Bispos Auxiliares de Milão e todos os outros Prelados. Com prazer, saúdo todas as Autoridades presentes. E, hoje, o meu caloroso abraço vai sobretudo para vós, queridas famílias! Obrigado pela vossa participação!

Na segunda Leitura, o apóstolo Paulo recordou-nos que recebemos no Baptismo o Espírito Santo, que de tal modo nos une a Cristo como irmãos e liga ao Pai como filhos, que podemos gritar: «Abba! Pai!» (cf. Rm 8, 15.17). Então foi-nos dado um germen de vida nova, divina, que se há-de fazer crescer até à realização definitiva na glória celeste; tornamo-nos membros da Igreja, a família de Deus, «sacrarium Trinitatis» – na expressão de Santo Ambrósio –, «um povo – como ensina o Concílio Vaticano II – unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Const. Lumen gentium, 4). A solenidade litúrgica da Santíssima Trindade, que hoje celebramos, convida-nos a contemplar este mistério, mas impele-nos também ao compromisso de viver a comunhão com Deus e entre nós segundo o modelo da comunhão trinitária. Somos chamados a acolher e a transmitir, concordes, as verdades da fé; a viver o amor recíproco e para com todos, compartilhando alegrias e sofrimentos, aprendendo a pedir e a dar o perdão, valorizando os diversos carismas sob a guia dos Pastores. Numa palavra, está-nos confiada a tarefa de construir comunidades eclesiais que sejam cada vez mais família, capazes de reflectir a beleza da Trindade e evangelizar não só com a palavra mas – diria eu – por «irradiação», com a força do amor vivido.

Não é só a Igreja que é chamada a ser imagem do Deus Uno em Três Pessoas,

mas também a família fundada no matrimónio entre o homem e a mulher. No princípio, de facto, «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus: Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos”» (Gn 1, 27-28). Deus criou o ser humano, homem e mulher, com igual dignidade, mas também com características próprias e complementares, para que os dois fossem dom um para o outro, se valorizassem reciprocamente e realizassem uma comunidade de amor e de vida. O amor é o que faz da pessoa humana a autêntica imagem da Trindade, imagem de Deus. Queridos esposos, na vivência do matrimónio, não dais qualquer coisa ou alguma actividade, mas a vida inteira. E o vosso amor é fecundo, antes de mais nada, para vós mesmos, porque desejais e realizais o bem um do outro, experimentando a alegria do receber e do dar. Depois é fecundo na procriação generosa e responsável dos filhos, na solicitude carinhosa por eles e na educação cuidadosa e sábia. Finalmente é fecundo para a sociedade, porque a vida familiar é a primeira e insubstituível escola das virtudes sociais, tais como o respeito pelas pessoas, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, a solidariedade, a cooperação. Queridos esposos, cuidai dos vossos filhos e, num mundo dominado pela técnica, transmiti-lhes com serenidade e confiança as razões para viver, a força da fé desvendando-lhes metas altas e servindo-lhes de apoio na fragilidade. Mas também vós, filhos, sabeis manter sempre uma relação de profundo afecto e solícito cuidado com os vossos pais, e as relações entre irmãos e irmãs sejam também oportunidade para crescer no amor.

O projecto de Deus para o casal humano alcança a sua plenitude em Jesus

Cristo, que elevou o matrimónio a Sacramento. Com um dom especial do Espírito Santo, queridos esposos, Cristo faz-vos participar no seu amor esponsal, tornando-vos sinal do seu amor pela Igreja: um amor fiel e total. Se souberdes acolher este dom, renovando diariamente o vosso «sim» com fé e com a força que vem da graça do Sacramento, também a vossa família viverá do amor de Deus, tomando por modelo a Sagrada Família de Nazaré. Queridas famílias, pedi muitas vezes, na oração, o auxílio da Virgem Maria e de São José, para que vos ensinem a acolher o amor de Deus como o acolheram eles. A vossa vocação não é fácil de viver, especialmente hoje, mas a realidade do amor é maravilhosa, é a única força que pode verdadeiramente transformar o universo, o mundo. Aos vossos olhos foi oferecido o testemunho de tantas famílias, que indicam os caminhos para crescer no amor: manter um relacionamento perseverante com Deus e participar na vida eclesial, cultivar o diálogo, respeitar o ponto de vista do outro, estar disponíveis para servir, ser paciente com os defeitos alheios, saber perdoar e pedir perdão, superar com inteligência e humildade os possíveis conflitos, concordar as directrizes educacionais, estar abertos às outras famílias, atentos aos pobres, ser responsáveis na sociedade civil. Todos estes são elementos que constroem a família. Vivei-os com coragem, pois na medida em que, com o apoio da graça divina, viverdes o amor mútuo e para com todos, tornar-vos-eis um Evangelho vivo, uma verdadeira Igreja doméstica (cf. Exort. ap. Familiaris consortio, 49). Quero dedicar uma palavra também aos fiéis que, embora compartilhando os ensinamentos da Igreja sobre a família, estão marcados por experiências dolorosas de

falência e separação. Sabei que o Papa e a Igreja vos apoiam na vossa fadiga. Encorajo-vos a permanecer unidos às vossas comunidades, enquanto almejo que as dioceses assumam adequadas iniciativas de acolhimento e proximidade.

No livro do Génesis, Deus confia ao casal humano a sua criação, para que a guarde, cultive e guie de acordo com o seu plano (cf. 1, 27-28; 2, 15). Nesta indicação da Sagrada Escritura, podemos ler a missão que tem o homem e a mulher de colaborar com Deus para transformar o mundo, através do trabalho, da ciência e da técnica. O homem e a mulher são também imagem de Deus nesta obra preciosa, que devem realizar com o mesmo amor do Criador. Vemos que, nas teorias económicas modernas, prevalece muitas vezes uma concepção utilitarista do trabalho, da produção e do mercado. Mas, o projecto de Deus e a própria experiência mostram que não é a lógica unilateral do que me é útil e do maior lucro que pode concorrer para um desenvolvimento harmonioso, o bem da família e para construir uma sociedade justa, porque traz consigo uma competição exasperada, fortes desigualdades, degradação do meio ambiente, corrida ao consumo, mal-estar nas famílias. Antes, a mentalidade utilitarista tende a estender-se também às relações interpessoais e familiares, reduzindo-as a convergências precárias de interesses individuais e minando a solidez do tecido social.

Um último elemento. O homem, enquanto imagem de Deus, é chamado também ao descanso e à festa. A narrativa da criação termina com estas palavras: «Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado. Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o» (Gn



2, 2-3). Para nós, cristãos, o dia de festa é o Domingo, dia do Senhor, Páscoa da semana. É o dia da Igreja, assembleia convocada pelo Senhor ao redor da mesa da Palavra e do Sacrifício Eucarístico, como estamos a fazer hoje, para nos alimentar d'Ele, entrar no seu amor e viver do seu amor. É o dia do homem e dos seus valores: convivência, amizade, solidariedade, cultura, contacto com a natureza, jogo, desporto. É o dia da família, em que se há-de viver, juntos, o sentido da festa, do encontro, da partilha, também com a participação na Santa Missa. Queridas famílias, mesmo nos ritmos acelerados do nosso tempo, não percaís o sentido do dia do Senhor! É como o oásis onde parar para saborear a alegria do encontro e saciar a nossa sede de Deus.

Família, trabalho, festa: três dons de Deus, três dimensões da nossa vida que se devem encontrar num equilíbrio harmonioso. Harmonizar os horários do trabalho e as exigências da família, a profissão e a paternidade e maternidade, o trabalho e a festa é importante para construir sociedades com um rosto humano. Nisto, privilegiar sempre a lógica do ser sobre a do ter: a primeira constrói, a segunda acaba por destruir. É preciso educar-se para crer, em primeiro lugar na família, no amor autêntico: o amor que vem de Deus e nos une a Ele e, por isso mesmo, «nos transforma em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja “tudo em todos” (1 Cor 15, 28)» (Enc. Deus caritas est, 18).

Amen.

Sínodo dos Bispos para «mundo descristianizado»

*Bento XVI quer católicos em diálogo com pessoas
indiferentes ou hostis à sua mensagem*



Bento XVI inaugurou no domingo, dia 7 de outubro, a 13ª assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano, durante uma celebração em que deixou apelos ao diálogo entre católicos, quem se afastou da Igreja e descrentes, num “mundo descristianizado”.

O Papa falava na homilia da missa a que presidiu na Praça de São Pedro, Vaticano, que centrou no tema sinodal, a “nova evangelização”, uma ação “destinada principalmente às pessoas que, embora batizadas, se distanciaram da Igreja e vivem sem levar em conta prática cristã”.

O Sínodo, precisou Bento XVI, visa “ajudar essas pessoas a terem um novo encontro com o Senhor, o único que dá sentido profundo e paz para a existência” e “favorecer a redescoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar e social”.

Neste contexto, os católicos foram desafiados ao encontro com as pessoas, “indiferentes ou mesmo hostis”, para lhes anunciar “a beleza do Evangelho e da comunhão em Cristo”.

O Papa disse ainda que esta perspetiva se vai reforçar pela coincidência entre a aber-

tura da assembleia sinodal e o início do Ano da Fé, que terá lugar na próxima quinta-feira, assinalando o 50.º aniversário da abertura do II Concílio do Vaticano (1962-1965). “A evangelização, em todo tempo e lugar, teve sempre como ponto central e último Jesus, o Cristo, o Filho de Deus, e o Crucificado é por excelência o sinal distintivo de quem anuncia o Evangelho: sinal de amor e de paz, apelo à conversão e à reconciliação”, observou.

O Papa admitiu que o “pecado, pessoal e comunitário” de muitos cristãos se apresenta como “grande obstáculo para a evangelização”, falando também numa “clara correspondência entre a crise da fé e a crise do matrimónio”.

“A união do homem e da mulher, o ser ‘uma só carne’ na caridade, no amor fecundo e indissolúvel, é um sinal que fala de Deus com força, com uma eloquência que hoje se torna ainda maior porque, infelizmente, por diversas razões, o matrimónio está a passar por uma profunda crise, precisamente nas regiões de antiga tradição cristã”, precisou.

Este Sínodo dos Bispos, que se vai prolongar até ao próximo dia 28, é dedicado

ao tema ‘A nova evangelização para a transmissão da fé cristã’, contando com a maior presença de participantes na história destes eventos: 262 cardeais, arcebispos e bispos, a que se juntam peritos e outros convidados, incluindo representantes de outras 15 Igrejas cristãs. A missa foi antecededida pelo rito de proclamação de dois novos doutores da Igreja Católica, São João de Ávila, religioso espanhol do século XVI, e Santa Hildegarda de Bingen, monja e mística alemã do século XII.

Esta segunda-feira vai ser apresentado em conferência de imprensa o relatório prévio (‘relatio ante disceptationem’), que antecede as intervenções dos presentes, entre os quais se incluem dois representantes da Conferência Episcopal Portuguesa: D. Manuel Clemente, bispo do Porto, e D. António Couto, bispo de Lamego.

O Sínodo dos Bispos, criado pelo Papa Paulo VI em 1965, pode ser definido em termos gerais como uma assembleia consultiva de representantes dos episcopados católicos de todo o mundo.

In ecclesia



Santa Missa para a Abertura do Ano da Fé

Homilia do Papa Bento XVI

Praça de São Pedro

Quinta-feira, 11 de Outubro de 2012



***Venerados Irmãos,
Queridos irmãos e irmãs!***

Hoje, com grande alegria, 50 anos depois da abertura do Concílio Vaticano II, damos início ao Ano da fé. Tenho o prazer de saudar a todos vós, especialmente Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca de Constantinopla, e Sua Graça Rowan Williams, Arcebispo de Cantuária. Saúdo também, de modo especial, os Patriarcas e Arcebispos Maiores das Igrejas Orientais católicas, e os Presidentes das Conferências Episco-

pais. Para fazer memória do Concílio, que alguns dos aqui presentes – a quem saúdo com afeto especial - tivemos a graça de viver em primeira pessoa, esta celebração foi enriquecida com alguns sinais específicos: a procissão inicial, que quis recordar a memorável procissão dos Padres conciliares, quando entraram solenemente nesta Basílica; a entronização do Evangeliário, cópia daquele que foi utilizado durante o Concílio; e a entrega das sete mensagens finais do Concílio e do Catecismo da Igreja Católica,

que realizarei no termo desta celebração, antes da Bênção Final. Estes sinais, não nos fazem apenas recordar, mas também nos oferecem a possibilidade de ir além da comemoração. Eles nos convidam a entrar mais profundamente no movimento espiritual que caracterizou o Vaticano II, para que se possa assumi-lo e levá-lo adiante no seu verdadeiro sentido. E este sentido foi e ainda é a fé em Cristo, a fé apostólica, animada pelo impulso interior que leva a comunicar Cristo a cada homem e a todos os homens, no peregrinar da Igreja nos caminhos da história.

O Ano da fé que estamos inaugurando hoje está ligado coerentemente com todo o caminho da Igreja ao longo dos últimos 50 anos: desde o Concílio, passando pelo Magistério do Servo de Deus Paulo VI, que proclamou um “Ano da Fé”, em 1967, até chegar ao o Grande Jubileu do ano 2000, com o qual o Bem-Aventurado João Paulo II propôs novamente a toda a humanidade Jesus Cristo como único Salvador, ontem, hoje e sempre. Entre estes dois Pontífices, Paulo VI e João Paulo II, houve uma profunda e total convergência na visão de Cristo como o centro do cosmos e da história, e no ardente desejo apostólico de anunciá-lo ao mundo. Jesus é o centro da fé cristã. O cristão crê em Deus através de Jesus Cristo, que nos revelou a face de Deus. Ele é o cumprimento das Escrituras e seu intérprete definitivo. Jesus Cristo não é apenas o objeto de fé, mas, como diz a Carta aos Hebreus, é aquele «que em nós começa e completa a obra da fé» (Hb 12,2).

O Evangelho de hoje nos fala que Jesus Cristo, consagrado pelo Pai no Espírito Santo, é o verdadeiro e perene sujeito da evangelização. «O Espírito do Senhor está sobre mim, / porque ele me consagrou com a unção / para anunciar a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4,18). Esta missão de Cristo, este

movimento, continua no espaço e no tempo, ao longo dos séculos e continentes. É um movimento que parte do Pai e, com a força do Espírito, impele a levar a Boa-Nova aos pobres, tanto no sentido material como espiritual. A Igreja é o instrumento primordial e necessário desta obra de Cristo, uma vez que está unida a Ele como o corpo à cabeça. «Como o Pai me enviou, também eu vos envio» (Jo 20,21). Estas foram as palavras do Senhor Ressuscitado aos seus discípulos, que soprando sobre eles disse: «Recebei o Espírito Santo» (v. 22). O sujeito principal da evangelização do mundo é Deus, através de Jesus Cristo; mas o próprio Cristo quis transmitir à Igreja a missão, e o fez e continua a fazê-lo até o fim dos tempos infundindo o Espírito Santo nos discípulos, o mesmo Espírito que repousou sobre Ele, e n’Ele permaneceu durante toda a vida terrena, dando-lhe a força de «proclamar a libertação aos cativos / e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor» (Lc 4,18-19).

O Concílio Vaticano II não quis colocar a fé como tema de um documento específico. E, no entanto, o Concílio esteve inteiramente animado pela consciência e pelo desejo de ter que, por assim dizer, imergir mais uma vez no mistério cristão, para poder propô-lo novamente e eficazmente para o homem contemporâneo. Neste sentido, o Servo de Deus Paulo VI, dois anos depois da conclusão do Concílio, se expressava usando estas palavras: «Se o Concílio não trata expressamente da fé, fala da fé a cada página, reconhece o seu caráter vital e sobrenatural, pressupõe-na íntegra e forte, e estrutura as suas doutrinas tendo a fé por alicerce. Bastaria recordar [algumas] afirmações do Concílio (...) para dar-se conta da importância fundamental que o Concílio, em consonância com a tradição doutri-



nal da Igreja, atribui à fé, a verdadeira fé, que tem a Cristo por fonte e o Magistério da Igreja como canal» (Catequese na Audiência Geral de 8 de março de 1967). Até aqui, a citação de Paulo VI, em 1967.

Agora, porém, temos de voltar para aquele que convocou o Concílio Vaticano II e que o inaugurou: o Bem-Aventurado João XXIII. No Discurso de Abertura, ele apresentou a finalidade principal do Concílio usando estas palavras: «O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. (...) Por isso, o objetivo principal deste Concílio não é a discussão sobre

este ou aquele tema doutrinal... Para isso, não havia necessidade de um Concílio... É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e apresentada de forma a responder às exigências do nosso tempo» (AAS 54 [1962], 790791-792). Até aqui, a citação do Papa João XIII, na inauguração do Concílio.

À luz destas palavras, entende-se aquilo que eu mesmo pude então experimentar: durante o Concílio havia uma tensão emocionante, em relação à tarefa comum de fazer resplandecer a verdade e a beleza da fé no hoje do nosso tempo, sem sacrificá-la frente às exigências do presente, nem man-

tê-la presa ao passado: na fé ecoa o eterno presente de Deus, que transcende o tempo, mas que só pode ser acolhida no nosso hoje, que não torna a repetir-se. Por isso, julgo que a coisa mais importante, especialmente numa ocasião tão significativa como a presente, seja reavivar em toda a Igreja aquela tensão positiva, aquele desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo. Mas para que este impulso interior à nova evangelização não seja só um ideal e não peque de confusão, é necessário que ele se apoie sobre uma base de concreta e precisa, e esta base são os documentos do Concílio Vaticano II, nos quais este impulso encontrou a sua expressão. É por isso que repetidamente tenho insistido na necessidade de retornar, por assim dizer, à «letra» do Concílio - ou seja, aos seus textos - para também encontrar o seu verdadeiro espírito; e tenho repetido que neles se encontra a verdadeira herança do Concílio Vaticano II. A referência aos documentos protege dos extremos tanto de nostalgias anacrônicas como de avanços excessivos, permitindo captar a novidade na continuidade. O Concílio não excogitou nada de novo em matéria de fé, nem quis substituir aquilo que existia antes. Pelo contrário, preocupou-se em fazer com que a mesma fé continue a ser vivida no presente, continue a ser uma fé viva em um mundo em mudança.

Se nos colocarmos em sintonia com a orientação autêntica que o Bem-Aventurado João XXIII queria dar ao Vaticano II, poderemos atualizá-la ao longo deste Ano da Fé, no único caminho da Igreja que quer aprofundar continuamente a «bagagem» da fé que Cristo lhe confiou. Os Padres conciliares queriam voltar a apresentar a fé de uma forma eficaz, e se quiseram abrir-se com confiança ao diálogo com o mundo moderno foi justamente porque eles estavam seguros da sua fé, da rocha firme em

que se apoiavam. Contudo, nos anos seguintes, muitos acolheram acriticamente a mentalidade dominante, questionando os próprios fundamentos do depositum fidei a qual infelizmente já não consideravam como própria diante daquilo que tinham por verdade.

Se a Igreja hoje propõe um novo Ano da fé e a nova evangelização, não é para prestar honras a uma efeméride, mas porque é necessário, ainda mais do que há 50 anos! E a resposta que se deve dar a esta necessidade é a mesma desejada pelos Papas e Padres conciliares e que está contida nos seus documentos. Até mesmo a iniciativa de criar um Concílio Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização – ao qual agradeço o empenho especial para o Ano da fé – enquadra-se nessa perspectiva. Nos últimos decênios tem-se visto o avanço de uma “desertificação” espiritual. Qual fosse o valor de uma vida, de um mundo sem Deus, no tempo do Concílio já se podia perceber a partir de algumas páginas trágicas da história, mas agora, infelizmente, o vemos ao nosso redor todos os dias. É o vazio que se espalhou. No entanto, é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós homens e mulheres. No deserto é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança. A fé vivida abre o coração à Graça de Deus que liberta do pessimismo. Hoje, mais do que nunca, evangelizar significa testemunhar



uma vida nova, transformada por Deus, indicando assim o caminho. A primeira Leitura falava da sabedoria do viajante (cf. Eclo 34,9-13): a viagem é uma metáfora da vida, e o viajante sábio é aquele que aprendeu a arte de viver e pode compartilhá-la com os irmãos - como acontece com os peregrinos no Caminho de Santiago, ou em outros caminhos de peregrinação que, não por acaso, estão novamente em voga nestes últimos anos. Por que tantas pessoas hoje sentem a necessidade de fazer esses caminhos? Não seria porque neles encontraram, ou pelo menos intuíram o significado do nosso estar no mundo? Eis aqui o modo como podemos representar este Ano da fé: uma peregrinação nos desertos do mundo contemporâneo, em que se deve levar apenas o que é essencial: nem cajado, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas - como o Senhor exorta aos

Apóstolos ao enviá-los em missão (cf. Lc 9,3), mas sim o Evangelho e a fé da Igreja, dos quais os documentos do Concílio Vaticano II são uma expressão luminosa, assim como é o Catecismo da Igreja Católica, publicado há 20 anos.

Venerados e queridos irmãos, no dia 11 de outubro de 1962, celebrava-se a festa de Santa Maria, Mãe de Deus. A Ela lhe confiamos o Ano da fé, tal como fiz há uma semana, quando fui, em peregrinação, a Loreto. Que a Virgem Maria brilhe sempre qual estrela no caminho da nova evangelização. Que Ela nos ajude a pôr em prática a exortação do Apóstolo Paulo: «A palavra de Cristo, em toda a sua riqueza, habite em vós. Ensinai e admoestai-vos uns aos outros, com toda a sabedoria... Tudo o que fizerdes, em palavras ou obras, seja feito em nome do Senhor Jesus. Por meio dele dai graças a Deus Pai» (Col 3,16-17). Amém.

Há 50 anos, o Concílio: uma síntese do Vaticano II



No próximo dia 11 de outubro, em Roma, será comemorado o 50.º aniversário da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II. Na ocasião, o papa Bento XVI também dará início ao Ano da Fé, que se estenderá até à festa de Cristo Rei, 24 de novembro de 2013. Será um evento memorável, que fará a memória do mais importante momento da vida da Igreja no século XX.

Embora permanecendo a mesma na sua identidade, natureza e missão, a Igreja mudou muito a partir do Concílio. Mudou para ser mais ela própria. Lembro de uma comparação usada no passado, com certa frequência, para explicar a necessidade das “reformas” conciliares: é como uma bela

imagem que as pessoas gostam muito e, por isso mesmo, vão queimando vela em sua homenagem, penduram fitas, colocam coroas e outros enfeites e até vestem a imagem com pano. Tudo, porque gostam e querem expressar o carinho para com aquela imagem querida...

Chega um momento em que já não se consegue mais ver bem a imagem, de tanto enfeite e fuligem de vela... Aos poucos, só se vê o adorno e quem não conhecia a imagem original, perde o apreço por ela, pois não compreende o sentido de tanto adorno... É preciso, então, fazer um restauro, retirando os “acréscimos” que escondiam a imagem, para lhe restituir a beleza e o sentido

originários... Comparação é comparação. “Omnis comparatio claudicat” (toda a comparação tem defeitos), já diziam os latinos. Fiquemos com o aspeto verdadeiro, para aplicar essa comparação à Igreja.

A reforma, ou renovação conciliar, teve a intenção de ajudar a Igreja a voltar-se para o mais essencial; antes de tudo, para perceber de onde ela própria vem e que a sua razão de ser e existir não vem dela, mas do amor de Deus Trindade, da Palavra reveladora do desígnio de salvação de Deus para com o homem (Constituição Dogmática Dei Verbum).

A Igreja queria compreender-se melhor como povo agraciado por Deus, chamado e enviado a proclamar ao mundo a Boa Nova, testemunha do Reino de Deus entre os homens; era necessário clarear novamente a parte de cada membro na vida e na missão da Igreja (Constituição Dogmática Lumen Gentium).

Para melhor realizar isso, foi feita a renovação da Liturgia, da disciplina e organização da Igreja, da formação, vida e missão dos bispos, presbíteros, religiosos e leigos, para que cada um destes grupos componentes da Igreja pudesse viver melhor sua vocação e missão no seio da Igreja e no coração do mundo.

Era necessário reafirmar mais uma vez, e de maneira clara, que a Igreja é missionária e não pode deixar de cumprir o mandato de Cristo, de ir e proclamar o Evangelho a todos os povos. Vários decretos e outros documentos do Concílio deram indicações para a revitalização da Igreja, que se fazia muito necessária.

Mas também era necessário que a Igreja se colocasse no compasso do tempo e da história, propondo-se como anunciadora, servidora e testemunha de Boas Novas para o homem contemporâneo, dialogando com o mundo, sem se deixar absorver por ele; a Igreja tem muito mais para dizer ao homem

do que aquilo que ele não deve fazer: ela tem uma luz forte a irradiar sobre a dignidade da pessoa humana e a reta ordem do viver e conviver entre todos os membros da comunidade humana, que ela não pode reter para si e deve partilhar, para a vida plena do homem (Constituição Pastoral Gaudium et Spes).

Por isso mesmo, no Concílio Ecuménico Vaticano II, a Igreja abriu-se para ouvir e dialogar com os cristãos de outras Igrejas e grupos, com os crentes de religiões não-cristãs e também com os não crentes. Não é porque ela estivesse pouco convicta da própria verdade, mas porque apenas na atitude do diálogo se consegue compreender as razões do outro e empreender um caminho que tenha algo em comum. Desde o Concílio, muitos passos foram dados nesse caminho, nem sempre fácil.

Seria muito pouco, se olhássemos o Concílio Vaticano II apenas como um acontecimento do passado. O cinquentenário de sua realização também é ocasião para avaliar os frutos já produzidos; e também para perceber as inevitáveis falhas na aplicação do Concílio, ao longo desses anos todos. E isso tudo ajudar-nos-á a perceber melhor a graça do Concílio e quanto ele ainda tem para ajudar a Igreja nos próximos anos. O Concílio foi concluído em 1965; mas a obra do Concílio está longe de estar concluída!

Cardeal Odilo Scherer
Arcebispo de São Paulo, Brasil



DA FAMÍLIA EM QUE DEUS NOS CRIA À FAMÍLIA EM QUE DEUS NOS ESPERA



Caríssimas Famílias da Diocese do Porto e particularmente vós, os jovens que nelas cresceis:

Como sabeis o nosso “programa pastoral” incide este ano na Família e na Juventude. Foram as tónicas maiores da avaliação da Missão 2010, para as termos muito presentes em tudo quanto fizemos como Igreja.

E assim está a acontecer, graças a Deus, com muitas actividades em curso ou preparação, nas paróquias, vigarrarias, movimentos, etc, manifestando bem a oportunidade do assunto. Preparado pelos Secretariados Diocesanos, divisa-se já o “Encontro Família e Juventude”, de 1 a 3 de Junho próximo no Porto. Vai ser um grande momento de reflexão, celebração e festa para todos os diocesanos.

Agora, à luz do Natal e da Epifania, partilho convosco uma breve reflexão a propósito: foi numa Família que Jesus nasceu e cresceu; assim começou na terra a grande Família dos Filhos de Deus, que somos cha-

mados a constituir e é a vocação da humanidade inteira.

Foi numa Família que Jesus nasceu. É muito importante reter este ponto, que não é acessório nem de somenos. Muito pelo contrário, indica que é esse o desígnio de Deus, que em família nos criou e numa família nos recriou: a Sagrada Família de Jesus, Maria sua mãe e José seu pai adoptivo, além de outros parentes que o Novo Testamento e antigas tradições também referenciam.

Família “Sagrada”, porque tudo nela se passa a partir de Deus. Os evangelistas Mateus e Lucas dizem-no claramente, da concepção virginal de Jesus – tratava-se de recriar a humanidade! – à disponibilidade de José para guardar um mistério que muito o ultrapassava. Assim nasceu Jesus e começou o tempo novo, verdadeiramente a “era de Cristo”, que é a nossa agora.

“Era de Cristo”, nos 2011 anos que já leva, em tudo o que sucede e há-de suceder com Ele. Também nas famílias que são

“cristãos” pelo sacramento do Matrimónio, aí constituídas a partir de Deus e para assim viverem sempre. A sua comunhão esposo-esposa, pais-filhos, alargando-se aos parentes que tiverem, é “sacramento” da comunhão que há em Deus, na vida totalmente circulante do Pai e do Filho, na mútua entrega do Espírito.

Também nas famílias que vivem na reciprocidade constante dos seus membros sentimos um “espírito de família” que de algum modo as distingue e nos toca a todos, quando as visitamos ou elas nos visitam. É isto mesmo que as famílias cristãs devem experimentar activamente, neste Natal e todos os dias; e é este também o melhor testemunho e contributo que elas devem prestar à sociedade, como fermento na massa inteira, para um mundo finalmente familiar e unido.

São Lucas conta-nos também que, pelos doze anos, Jesus foi com Maria e José a Jerusalém, por lá ficando, mesmo quando estes regressaram. Voltando à cidade, encontraram-no no templo, ouvindo e questionando os doutores. Interpelado por Maria, respondeu: “– Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?” (Lc 2, 49). Tudo isto é importante e revelador, quer para a Família de Jesus, quer para todas as outras e as crianças, adolescentes e jovens que nelas crescem.

Crescer é aprender com os pais o que só a paternidade, como protecção e incentivo, pode demonstrar, e o que só a maternidade, como ternura e cuidado, pode proporcionar: ambas são pedagogia de um Deus que nos cria e envolve. Mas crescer é também o processo pelo qual passamos do passado ao futuro, pela aceitação de Deus – Ele mesmo – para nós e para todos, como o absoluto presente, de Quem tudo o mais deriva.

Aceitando assim a Deus, pais e filhos são igualmente cristãos. E os pais vêem os seus filhos “partir”, mesmo que permaneçam ainda em sua casa, para virem a ser por sua vez,

“pais” ou “mães” de muitos outros, na vida e na ternura que irradiem, conforme a sua vocação (familiar, sacerdotal, religiosa, etc).

Deste ou daquele modo, activarão sempre, com Cristo, a família dos filhos de Deus. Como indica um outro trecho, igualmente revelador, que Maria foi certamente a primeira a compreender. Foi quando ela e outros parentes de Jesus o ouviram dizer: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8, 21).

Caríssimas famílias e caríssimos jovens: o mundo em que vivemos este Natal – começando por este mais próximo, da diocese e do país – precisa urgentemente de se tornar “familiar”, vizinho e solícito dos outros. É nas famílias que tal se aprende, naturalmente; também sobrenaturalmente, pela graça do Matrimónio. Daí irradia pelo crescimento dos seus membros, alargando a paternidade e a maternidade humanas à absoluta misericórdia divina.

A maior realização duma família humana é colaborar com Deus no alargamento da família de todos; o melhor prémio da pedagogia familiar é ver os mais novos “partirem”, para que tal aconteça. Assim os pais – e os avós e outros parentes mais velhos – cumprem a sua missão; assim se reverão no futuro em que Deus os espera!

– Alguns dos recém-beatificados que vos propus para este ano, como o casal Luís e Maria Beltrame (com os seus filhos de várias vocações) ou a jovem Clara Luz Badano (com os seus pais ainda vivos), vos acompanhem no caminho, familiar ou juvenil, que eles em Cristo magnificamente já percorreram!

– Santo e feliz Natal, na alegria dos anjos e dos pastores, onde a riqueza do céu se compartilha na terra!

+ Manuel Clemente

Natal de 2011

A vida é aprendizagem de Deus



Caríssimos irmãos e irmãs, especialmente vós que celebrais Bodas Matrimoniais este ano:

Dizemo-nos e reconhecemo-nos “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Assim mesmo fomos batizados e assim mesmo somos “cristãos”, ou seja, ungidos pelo Espírito, para nos retribuirmos “com Cristo, por Cristo e em Cristo” a Deus Pai, em Quem todo o poder é amor e vida, em eterna fonte.

Mas, sendo Deus vida partilhada – entre o Pai e o Filho na união do Espírito -, só na partilha se pode conhecer: e não como quem O pensasse em abstrato, mas como quem O reconhece na relação.

A própria natureza das coisas vai nesse sentido. Nascemos da relação dos nossos pais e sempre interdependentes uns dos

outros, nas famílias que tivemos e todos devem ter. Por isso hão de ser apoiadas, para que tudo decorra positivamente, devendo a sociedade reconhecer em cada família a melhor escola da sociabilidade, onde aprendemos a viver solidariamente. Tanto assim é que, quando não se garante este primeiríssimo patamar da sociabilidade, em si mesmo insubstituível, os seguintes logo se ressentem negativamente.

Caríssimos irmãos e irmãs, sobretudo vós, os que vos “casastes no Senhor” (cf 1 Cor 7, 39), pela graça própria do sacramento do Matrimónio: Vós reconhecestes e reconheceis pela fê recebida e por experiência própria, que o desígnio divino sobre a família se garante em Cristo, vencedor definitivo de tudo quanto nos divide e separa.

- Que bom, que belo e verdadeiro é estarmos aqui a celebrar Bodas matrimoniais, de dez, vinte e cinco, cinquenta e mais anos! Estou certo e bem certo de que todos nos contaríeis histórias vividas das vitórias da graça de Cristo, que foi mais forte do que as tentações que certamente sofrestes, como sofremos todos, nesta ou naquela aceção.

Caríssimos irmãos e irmãs em Bodas matrimoniais: Vós sois os verdadeiros campeões da vida e os que mais importa reconhecer e louvar! E quando nos apresentam tantos vencedores disto ou daquilo – justamente vencedores, por vezes -, vós, caríssimos casais, vós é que sobretudo ganhais e mereceis o primeiro lugar no pódio!

Num pódio que, aliás, não se desmonta, quando acabam os hinos e se entregam as taças... O vosso pódio é o amor de Deus em vós, e este nunca acabará (1 Cor 13, 8)!

Caríssimos casais: Com a ação de graças que convosco damos a Deus; com os parabéns que vos damos todos, a vós e às vossas famílias, deixo-vos um pedido, a que certamente correspondereis: Fazei ainda mais da vossa vida um testemunho permanente, sereno e belo, de quanto é possível, com Deus é possível. Testemunhai que não é verdade que o matrimónio esteja ultrapassado, porque realmente ele é o futuro, garantindo a vida; de que é possível e faz sempre bem persistir e perdoar, seguir em frente em unidade mais amadurecida; e de que assim mesmo é realmente a vida, como a corrente profunda do mar ou a linha contínua do tempo,

que, mesmo com Outonos e Invernos, rumo sempre à Primavera.

Mas uma coisa é dizer isto, como o estou a fazer agora, e outra, bem mais importante e indiscutível, é demonstrardes vós a verdade do que vai dito. Pois aí estais e assim prosseguiis. Vós sois aqui hoje e sereis amanhã onde estiverdes o rosto expressivo e a exemplificação concreta das possibilidades e do valor do sacramento do matrimónio. Vós atestareis por experiência própria, ganha nas dificuldades que vencestes, o que Cristo disse, em resposta a um discípulo que duvidava das possibilidades duma vida cristã propriamente dita, ou seja, que encontra em Deus a única riqueza e garantia: “Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mt 19, 26).

E, no entanto, nem eu nem vós presumimos alguma coisa ou nos consideramos superiores a quem quer que seja. Sabemos, bem demais, que muitos casais não vivem propriamente em matrimónio e que tantos outros não prosseguiram unidos, pelas mais diversas causas. Não julgamos ninguém, nem nos consideramos melhores que os outros.

Mas reconhecemos, com toda a convicção reconhecemos, que o ideal dum matrimónio uno, indissolúvel e fecundo, corresponde bem à alma humana, que se realiza em entregas totais, definitivas e criativas. Que a pessoa, cada pessoa, só se revela no tempo, ao longo dos anos que viver, e desde que acompanhada nesse percurso por outros que igualmente se vão revelando, rumo ao melhor de si próprios. E que isto mesmo acontece do



modo mais radical e verdadeiro num projeto matrimonial que se prepara, acontece e mantém, tempo fora. Por isso, o que sabemos propomos, sem nos sobrepormos mas permanecendo, em convicções comprovadas.

Os sacramentos são ações do Ressuscitado no seu corpo, que é a Igreja, a comunidade dos crentes. Por isso devem ser eclesialmente vividos, preparados e mantidos. É fundamental que em cada comunidade a preparação para o matrimónio seja feita a longo prazo, a partir duma catequese que forme para a vida partilhada, com Deus e com os outros, o sentido do serviço e a felicidade do bem querer e do bem fazer; e isto mesmo com a cooperação dos pais e das famílias, que igualmente sigam o caminho de Cristo e da sua entrega por todos. Depois, ao longo da vida matrimonial, que importantes

são encontros e movimentos de casais e famílias, que mantenham viva a chama cristã em tudo quanto se faça e prossiga nesses âmbitos essenciais.

Queridos irmãos e irmãs: celebrar a Santíssima Trindade é louvar a Deus uno e trino, ou seja uno no amor que em Si mesmo compartilha. A vida é aprendizagem de Deus, nosso princípio e destinação eterna. A vida do casal e da família é para isso a melhor escola, imprescindível portanto. - Graças a Deus por vós e pelas vossas Bodas que n'Ele mesmo celebrais! A Igreja e a sociedade esperam muito e quase tudo do presente e do futuro da família cristã.

*Porto, 3 de Junho de 2012,
na Eucaristia conclusiva das Jornadas
Diocesanas Família e Juventude*

+ Manuel Clemente

Porto: Diocese revela plano para o Ano da Fé

Programa vai ser marcado por 21 jornadas vicariais, entre novembro e junho, que contam com a participação de bispos, padres e leigos



O programa da Diocese do Porto para o Ano da Fé, revelado hoje, vai ser marcado por 21 jornadas que mobilizarão bispos e responsáveis das paróquias, entre leigos e clero.

O Ano da Fé, iniciativa do Papa Bento XVI que a Igreja Católica em todo o mundo vai celebrar a partir de outubro, começa na diocese portuense a 4 de novembro com uma missa na sé presidida pelo bispo, D. Manuel Clemente, que até essa data estará no Vaticano para participar no Sínodo dos Bispos.

Os encontros, que decorrem nas regiões em que a diocese está dividida (vigarias), realizam-se aos sábados e domingos, principiando a 10 e 11 de novembro, refere a “Carta dos Bispos aos Diocesanos do Porto sobre o Ano da Fé”, publicada no site da diocese.

As denominadas Jornadas Vicariais da Fé, que se prolongam até 30 de junho, vão contar com a participação de D. Manuel Clemente e do bispo auxiliar que acompanha a vigaria, além dos “educadores da fé” das paróquias.

As reuniões abrem sábado à tarde com “um encontro de testemunho e reflexão sobre a transmissão da fé nas famílias, comunidades e movimentos”, prosseguindo à noite com uma vigília de oração centrada na escuta de trechos da Bíblia baseados no anúncio dos elementos essenciais da mensagem cristã e na adoração do Santíssimo Sacramento.

No domingo à tarde, adianta o documento, realiza-se “uma grande celebração eucarística, destacando-se particularmente a proclamação do Credo”, enunciado dos elementos essenciais da fé cristã cuja formulação remonta aos primeiros séculos do cristianismo.

A preparação para as jornadas e as iniciativas que se lhes seguirão devem constar de um programa “necessariamente curto e limitado” que tenha “a preocupação de não esquecer o essencial, a sua coerência e as consequências práticas”.

As “sugestões” do texto, elaboradas depois de ouvidos os Conselhos Presbiteral e Pastoral, além dos padres responsáveis pelas vigararias e seus adjuntos, pretende que os fiéis conheçam melhor as principais constituições do Concílio Vaticano II (1962-1965).

A lista de manuais que os católicos devem aprofundar inclui o Catecismo da Igreja Católica e as edições que dele derivam, o Compêndio e o YouCat, dirigido aos jovens, além da ‘Porta Fidei’, documento assinado por Papa Bento XVI onde se anuncia a realização do Ano da Fé.

Os organismos e movimentos diocesanos devem “organizar e oferecer, a públicos indiferenciados ou específicos, um itinerário de formação e consolidação na fé cristã”, sublinha o documento assinado por D. Manuel Clemente e pelos bispos auxiliares, D. António Taipa, D. João Lavrador e D. Pio Alves.

A carta adianta que se prevê a realização de um Congresso Diocesano de Confrarias do Santíssimo Sacramento em data próxima da solenidade do Corpo de Deus, que em 2013 se celebra a 2 de junho, domingo.

O Ano da Fé inicia-se a 11 de outubro, data em que passam 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II e 20 anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, terminando a 24 de novembro de 2013, último domingo do ano litúrgico.

Porto, 14 junho 2012

In Ecclesia



De partida para o Sinodo dos Bispos...

Caríssimos Diocesanos

1. De partida para o Sínodo dos Bispos, que decorre este mês em Roma, deixo-vos uma breve partilha de algo que levo no pensamento e no coração, a propósito do tema que nele será versado: “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”.

Comemoram-se os cinquenta anos do início do Concílio Vaticano II e abre-se o Ano da Fé. Eu e os irmãos Bispos que comigo exercem o ministério na Diocese do Porto, dirigimos-vos em junho passado uma Carta a este propósito, tentando resumir a mensagem central do Concílio e do Catecismo da Igreja Católica, radicando em Cristo o que podemos saber e devemos testemunhar sobre Deus e a vida a partir de Deus.

Reconhecendo a real dificuldade em assimilar toda a reflexão eclesial e as propostas do magistério ao longo de meio século, oferecemos-vos um breve roteiro, ou ponto de partida, para a mais fácil compreensão do todo. Estou certo de que o aproveitareis ao longo do Ano da Fé e das Jornadas Vicariais que o pontearão na Diocese, bem como na reflexão pessoal e comunitária. Na verdade, a nossa sociedade requer a presença consciente e ativa dos cristãos, só possível com a consciência mais certa e a consequência mais justa da fé que professamos:

Devemo-nos isto, a nós e para os outros.

No Sínodo terei ocasião de participar na grande partilha que faremos sobre o tema da “Nova Evangelização”, que o Papa João Paulo II em boa hora trouxe à reflexão e à



vida da Igreja. De todo o mundo virão contribuições, alimentadas pela vida das Igrejas particulares nas diversas sociedades e culturas. Terei também ocasião de partilhar a experiência portuense e portuguesa, especialmente motivada pelo que tem sido feito desde a visita ad limina de 2007, procurando “repensar juntos a pastoral da Igreja em Portugal”.

Desde esse ano também – o meu primeiro como Bispo do Porto – tenho-vos posto a par do que se vai fazendo e refletindo a propósito, em contacto com o dia a dia da Diocese.

Basicamente, comunico-vos o que consigo assimilar do pensamento e da ação de muitos outros – sacerdotes, diáconos, consagrados, leigos – que procuram levar o Evangelho de Cristo aos diversos setores da nossa vida coletiva, das famílias às escolas, das empresas às instituições, dos hospitais

às prisões, da sociedade à cultura... E são realmente muitos, com grande generosidade e persistência, quer na vida interna da Igreja quer na sua projeção social e caritativa.

2. Mas todos nos interrogamos sobre o modo mais correto de transmitirmos a fé que nos move, no presente contexto socio-cultural, tão profundamente alterado em relação ao que prevalecia décadas atrás. Na verdade, a uma vida mais concentrada territorial e mentalmente, sucedeu a atual dispersão dos percursos profissionais e pessoais; à integração comunitária de tradições familiares e religiosas, sobrepôs-se uma possibilidade real ou virtual de fazer cada um o seu caminho por necessidade ou gosto, ou a gosto induzido pelo marketing alheio... Entre muitos outros, estes dois fatores levantam uma questão maior ao anúncio evangélico: - Sendo a descoberta do Ressuscitado essencialmente comunitária ou comunitariamente garantida (cf Jo 20, 26), nas famílias, paróquias e demais agregações cristãs, como havemos de a proporcionar no atual contexto, tão disperso?

Parece-me ser este o ponto mais complexo da nossa atualidade pastoral, pois mesmo a necessária reapresentação cultural de Cristo e do Evangelho supõe uma real experiência comunitária que a fecunde e garanta – sendo aliás esta a inultrapassável diferença entre a evangelização e qualquer gnosticismo antigo ou moderno. Tenho-o aprofundado constantemente no dia a dia da Diocese e além dela. Tenho verificado o que se vai conseguindo no quadro paroquial e eclesial, com tanta generosidade do nosso clero e dos seus colaboradores. Levo para o Sínodo essa experiência nossa e também a vontade de aprender com a experiência alheia, como de tudo vos darei conta depois, sobretudo nas Jornadas Vicariais da Fé.

3. Este tópico era também central na reflexão de João Paulo II, como o continua a ser na proposta sinodal. Ressoam as palavras do Papa Wojtyła: “É urgente, sem dúvida, refazer em toda a parte o tecido cristão da sociedade humana. Mas a condição é a de refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais” (Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, nº 34; citado pelo *Instrumentum laboris* do presente Sínodo dos Bispos, nº 83).

Comunidades que hoje terão de ser inter-comunitárias, não só pela grande escassez de sacerdotes, de que a nossa Diocese particularmente sofre, como também pela aludida deslocalização física e mental a que acima aludi. É ainda João Paulo II quem o indica, sugerindo mesmo: “a) a adaptação das estruturas paroquiais à ampla flexibilidade concedida pelo Direito Canónico, sobretudo ao promover a participação dos leigos nas responsabilidades pastorais; b) as pequenas comunidades eclesiais de base, também chamadas comunidades

vivas, onde os fiéis possam comunicar entre si a Palavra de Deus e exprimir-se no serviço e no amor [...]. Para a renovação das paróquias e para melhor assegurar a sua eficácia operativa devem favorecer-se também formas institucionais de cooperação entre as diversas paróquias de um mesmo território” (*Christifidelis Laici*, nº 26). Este último ponto será certamente concretizado entre nós, no incremento de “unidades pastorais” que já se esboçam. Com estes sentimentos e reflexões, parto e continuo convosco. Conto sobretudo com a vossa oração pelo êxito pastoral do Sínodo dos Bispos e do Ano da Fé.

Cordialmente,

+ Manuel Clemente, Bispo do Porto
4 de Outubro de 2012, memória de S.
Francisco de Assis – que redescobrimo Cristo
reevangelizou a Europa do seu tempo

Refazer a experiência comunitária, base essencial da Nova Evangelização

Intervenção no Sínodo dos Bispos de D. Manuel Clemente



Faço um breve comentário ao nº 83 do *Instrumentum Laboris*, sobre a indispensável base comunitária da nova evangelização:

A “novidade” da nova evangelização não pode ser outra senão a da redescoberta e aprofundamento da constante novidade de Cristo, nas presentes circunstâncias da Igreja e do mundo. Circunstâncias que, no meu país, se definem, além do mais, como muito móveis na população e frequentemente opacas na mentalidade.

A mobilidade da população acrescenta ao conhecido êxodo do campo para a ci-

dade a facilidade de comunicações diárias entre vários locais, com pontos sucessivos de fixação ou passagem, por razões de trabalho ou repouso (week end). A opacidade pode advir da maior densidade das “realidades temporais”, quando absorvem a atenção imediata e as intenções a médio prazo, não abrindo facilmente ao horizonte espiritual e religioso. Generaliza-se, assim, o secularismo pessoal e ambiental.

Estas circunstâncias trazem problemas relativamente “novos” à evangelização, ao menos pela intensidade com que se co-

locam. Comunidades que já foram mais estáveis, como as famílias e as paróquias, em que o conhecimento de Cristo e a vida cristã se transmitiam com alguma normalidade, já não subsistem assim, nem integram facilmente os seus membros, em especial os mais novos.

A dispersão e a itinerância dificultam a convivência habitual, familiar e comunitária. A individualização das vidas, tecnologicamente potenciada, induz subjetivismos e virtualismos que rarefazem a realidade social e eclesial. Nestas condições, não é fácil conjugar indivíduo e sociedade, ou crente e comunidade. Nada fácil, de facto.

Creio, assim, que a “novidade” a procurar para a evangelização de agora se perspetiva como redescoberta de Cristo vivo na convivência de comunidades concretas. Estas terão, por seu lado, de integrar as conexões interpessoais hoje indispensáveis: comunidades intercomunitárias, pontos fixos mas interligados. Seja como for, indispensavelmente comunitários, porque sabemos bem que é quando persistimos juntos que mais experimentamos e compartilhamos a presença do Ressuscitado entre nós (cf Jo 20, 26).

Daí também que o nº 83 do Instrumentum Laboris cite a exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, nº 26: Refazer a experiência comunitária

é a base indispensável para a renovação mental e cultural que pretendemos; de nós para o mundo, que tanto carece dela. Vinte séculos de experiência cristã evidenciam que os maiores impactos culturais que obtivemos se ligaram sempre às melhores realizações comunitárias que conseguimos.

As primeiras comunidades, alimentadas com autênticas conversões e iniciações cristãs propriamente ditas, originaram, pelo respetivo testemunho vital e pela reflexão dos seus pastores, expressões e práticas sociais e culturais de grande alcance. As comunidades monásticas e paroquiais que se seguiram deram corpo e alma à Cristandade medieval, com esplêndidas concretizações em vários campos, eruditos e populares.

Nos claustros nasceram as Universidades e muitas expressões de caridade organizada. E não é de estranhar, consequentemente, que a rarefação cultural cristã de épocas mais recentes se ligue ao enfraquecimento da experiência comunitária habitual. Refazê-la criativamente, nas presentes circunstâncias e com as atuais possibilidades, é tarefa indispensável, para que a verdade pascal de Cristo seja oferecida à expectativa essencial do mundo.

+ Manuel J.M.N. Clemente
Bispo do Porto e Vice-Presidente
da Conferência Episcopal Portuguesa

Carta de Roma aos Diocesanos do Porto



1. De partida para o Sínodo dos Bispos, partilhei convosco algumas ideias que trazia, em especial respeitantes ao presente e ao futuro das nossas comunidades cristãs. O que tenho ouvido a muitos membros do Sínodo, provenientes de diversas partes do mundo, tem-me reforçado a convicção de que esse mesmo tema os preocupa e positivamente os move.

Por um lado, pronunciam-se sobre a necessidade premente de iniciações cristãs propriamente ditas; por outro, requerem para tal a existência de envolvimento comunitários – famílias, grupos, paróquias – que as proporcionem de facto. Todos reconhecem que ambientes excessivamente secularizados e muito dispersivos, como os atuais, requerem reforçadas integrações comunitárias, alimentadas pela Palavra de Deus, a oração e a prática sacramental, irradiando em iniciativas de caridade concreta.

Tem sido muito estimulante ouvir testemunhos nesse sentido, provindos de meios tão distantes como o Sudoeste Asiático, várias partes da África ou a América Latina, para não falar da nossa “velha” Europa, onde tal vai acontecendo também, com promissoras ligações entre paróquias, movimentos e grupos. Não se trata só de almejar o futuro, mas

de o ver a despontar aqui e além.

Tudo isto me faz sonhar com uma Diocese do Porto cada vez mais densa na sua malha comunitária e intercomunitária, com uma corresponsabilidade crescente de padres, diáconos, consagrados e leigos, com especial referência às famílias e aos catequistas, além de todos os outros dedicados agentes dos vários âmbitos pastorais. A Nova Evangelização tem como sujeito coletivo a Igreja diocesana, mesa de encontro e partilha de tudo quanto o Espírito nos dá “para a vida do mundo”.

2. Vou seguindo atentamente o que a Portugal diz respeito, neste momento difícil que a todos nos toca, solidariamente. Não nos podem ser alheias as dificuldades dos outros, em especial dos que não têm trabalho, nem perspectivas de o obter proximamente; dos que não conseguem manter as suas empresas, por falta de financiamento, aumento de prestações ou baixa de clientes; dos que já não sabem bem porque é que hão de estudar, ou pagar os estudos dos filhos; dos que temem não ter na velhice a segurança com que justamente contavam...

Tenho também presentes os que nos vários setores da vida social, económica e política realmente se esforçam por responder à situação presente, abrindo-nos um futuro indispensável

e justo. Assim como compreendo que muitos expressem publicamente o mal-estar que sentem e sofrem, por si e pelos seus. Mas também não esqueço que uma sociedade democrática vive necessariamente de órgãos que representam e ativam as finalidades comuns, como a nossa Constituição estabelece. Só assim sobrevive um Estado de Direito e as nossas presentes instituições democráticas são um bem precioso que muito custou a alcançar e deve ser preservado e honrado por nós todos, governantes escolhidos e cidadãos responsáveis.

O mesmo se diga das instituições internacionais a que aderimos; com especial referência à União Europeia, em cujo quadro os nossos atuais problemas se têm de resolver também, como os de outros países em maior ou menor dificuldade. Quero mesmo crer que a atual “crise” ocasionará um crescimento comunitário mais coerente no que à economia, às finanças e à solidariedade europeias diz respeito. Alguns sinais recentes vão nesse sentido e alimentam a esperança. Na interdependência geral em que vivemos, o que se requer em Lisboa, pode requerer-se também – e não sei se sobretudo – em Bruxelas, Berlim, Paris... Aliás, o projeto europeu dos anos quarenta e cinquenta ficou com várias alíneas por cumprir, que talvez possam retomar-se agora.

3. Neste contexto, chegam-me algumas perguntas sobre a posição “da Igreja” no atual momento português. Adianto apenas o seguinte: a) Nós, católicos portugueses, estamos onde os nossos concidadãos também se encontram, na vida pessoal e social, em cidadania plena e corresponsabilidade comum. Com uma inspiração evangélica que precisa de ser cada vez mais assimilada e concretizada, queremos estar onde devemos estar, ou seja, na primeira linha da promoção do bem comum. b) A essencial inspiração evangélica é compatível com a pluralidade de opções e meios para atingir esses fins. Desde João XXIII e o Concílio Vaticano II, esta pluralidade de opções políticas tem sido mais

defendida, não sendo difícil reconhecer católicos com vários posicionamentos na vida portuguesa. Necessário é, que o façam sempre com grande coerência evangélica. c) No que às suas instituições diz respeito – paróquias, dioceses, institutos religiosos e seculares, associações de fiéis sociocaritativas ou outras – a resposta da Igreja Católica tem sido assinalada e só não o é mais porque a autenticidade cristã não procura publicidade. e) Quanto ao Episcopado – e aos ministros ordenados (padres e diáconos) no que lhes toca –, a sua responsabilidade específica consiste em manter viva a Tradição eclesial no campo da doutrina e da prática, com referência constante à Doutrina Social da Igreja. Ao nível nacional – melhor diríamos interdiocesano –, a Conferência Episcopal Portuguesa tem-no feito em sucessivos pronunciamentos, aplicando à atualidade nacional os princípios permanentes da mesma Doutrina: a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a subsidiariedade e a solidariedade. Quem quiser conhecer as posições oficiais do Episcopado, deve ler tais pronunciamentos, imediatamente disponíveis no site da Conferência Episcopal Portuguesa ou da Agência Ecclesia.

É no conjunto dos seus membros e na complementaridade dos respetivos papéis que a Igreja em Portugal vive a realidade portuguesa, a reflete e nela atua. A herança do Concílio Vaticano II, cujo cinquentenário de abertura o Sínodo assinalou com o Santo Padre a 11 deste mês, também vai nessa linha, corresponsabilizando clérigos, consagrados e leigos com papéis específicos e convergentes. E assim há de continuar a ser, em solidariedade comprovada com a nação que integramos.

4. Mais notícias do Sínodo vos darei no Porto, para um Ano da Fé plenamente vivido e necessariamente concretizado em obras de justiça e paz. Com saudações cordiais e amigas,

+ Manuel Clemente, Bispo do Porto
Roma, 16 de outubro de 2012, 34º aniversário da eleição pontifícia do Beato João Paulo II



O Natal e as festas da época

À volta do Natal surgem algumas celebrações paroquiais que marcam este ambiente natalício: a bênção das mães grávidas, no IV Domingo do Advento, a renovação das promessas matrimoniais dos casais que celebraram as suas bodas durante o ano de 2011, no Domingo da Epifania, porque a Festa da Sagrada Família celebrou-se neste

ano à semana, e a bênção das imagens do menino Jesus, no dia de Natal. Participaram na bênção das grávidas 30 senhoras, 45 casais celebraram as suas bodas matrimoniais e muitas pessoas e crianças trouxeram belas imagens do menino Jesus, de suas casas, para, com elas levarem consigo a bênção do Natal para os seus lares.

Festa da S^a das Candeias e S. Brás



Nos passados dias 2 e 3 de fevereiro, na paróquia de Frazão, celebraram-se as festas em honra de N^a S^a das Candeias e S. Brás.

No dia 2, Festa da Apresentação no Tem-

plo, acorrem à eucaristia deste dia os pais com os seus filhos ao colo para receberem a Bênção das crianças. Recordando a apresentação de Jesus no templo, conforme a

tradição, o pai devia levar duas pombinhas para oferecer ao Senhor. Também, neste dia, os pais levam as pombas vivendo assim este belo momento. No fim da eucaristia, à porta da Igreja faz-se a largada de todas as pombas, momento esse muito emotivo.

Este ano presidiu à grande festa em honra de S. Brás o Sr. D. Pio Alves, Bispo Auxiliar do Porto. Na homilia da missa de festa, o Sr. Bispo referiu que *“ao celebrarmos a festa de S. Brás é compreensível que a nossa atenção se centre nos momentos extraordinários da sua vida e também nos prodígios miraculosos que Deus concedeu e concede a todos os que, presos nas mais variadas dificuldades, recorrem à misericórdia divina por intercessão de alguém que, sendo criatura humana, nos resulta mais próximo.*

Não era fácil ser cristão no século IV, como não é fácil ser cristão hoje. Então, como agora, a fidelidade à condição de cristão implicava toda a vida e a vida toda. Com o seu martírio, com a generosa entrega da sua vida, o Santo sela com o seu sangue a irrenunciável condição de discípulo de Jesus Cristo. Com efeito, não havia, nem há, razão que pudesse justificar a deslealdade na fé. (...)

Não se pense, contudo, que este gesto de suprema entrega é possível graças a um momentâneo arrebatado de generosidade. A

generosidade dos momentos grandes cultivava-se na fidelidade dos aparentemente pequenos pormenores da vida diária. S. Brás, urgido por graves ameaças, não teria sido capaz de se manter fiel se não tivesse cuidado, com heroísmo permanente, as exigências da sua adesão, não apenas a umas doutrinas, a um determinado estilo de vida, mas a uma pessoa: Jesus Cristo. Este é o segredo do heroísmo e da grandeza dos santos. Jesus Cristo deve ser, também para cada um de nós, o segredo para viver com fortaleza e coerência, em todo o tempo, em todas as situações, todas as exigências da nossa igual condição de discípulos do mesmo Mestre.”

Numa alusão ao texto do evangelho “Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me”, salientou da necessidade de *“mesmo que o ambiente seja claramente contrário, mesmo que o nosso comportamento possa ser motivo de sorrisos e comentários, não podemos suspender a nossa condição de discípulos de Jesus Cristo.”*

D. Pio Alves terminou com um apelo a que *“a intercessão de S. Brás nos dê garganta para gritar bem alto, com a nossa vida, a nossa vontade de sermos mais um elo nesta cadeia de fidelidade, que, pela graça de Deus, faz novas todas as coisas”.*



Festa do Pai



Foi no passado dia 24 de Março, Domingo a seguir ao dia de S. José, as comunidades de Arreigada, Ferreira e Frazão, juntaram-se numa grande celebração, no pavilhão paroquial de Frazão. O tema deste grande encontro de Fé foi: “contemplamos o Pai, ao colo de Jesus,” Estiveram presentes cerca de 3500 a 4000 pessoas.

A festa do Pai, foi uma das iniciativas integradas na celebração do ano da família, tema que a diocese viveu durante este ano pastoral.

A celebração constou de vários momentos: todos se juntaram no largo da Igreja de Frazão, onde se fez a bênção dos Pais, seguida de uma majestosa procissão com o andor se S. José até ao Pavilhão. Seguiu-se a grande celebração eucarística, onde a música, os sinais e os vários momentos, envolveram-nos a todos num maravilhoso clima de Fé.

Um dos momentos mais marcantes foi o memento dos pais. Junto a uma bela imagem de Jesus do século XVIII, o “Ecce homo”, foram colocados, num cerimonial muito bonito, os nomes de todos os pais que “estão no céu”. Este momento, envolveu toda a assembleia num grande sentimento emotivo.

Presidiu à celebração, o Pároco desta unidade pastoral, Pe Samuel Guedes, que na sua homilia convidou todos a viverem os verdadeiros valores da família. À luz da figura de S. José, exaltou a importância do Pai na condução desses grandes valores. Não esqueceu de lembrar a importância da relação sã e solícita pai/filho, uma relação “olhos nos olhos, coração a coração”, em todas as idades e circunstâncias para a construção de uma sociedade verdadeiramente familiar, unida, justa, feliz.

A família, uma Equipa “ganhadora”

Este foi o tema de duas conferencias proferidas pelo Prof. Doutor José Neto, que decorreram na vigararia de Paços de Ferreira. Uma aconteceu no dia 9 de Março, na paróquia de Lamoso e a outra, no dia 16, do mesmo mês, em S. Brás, Frazão. Numa época de crise a vários níveis, o ilustre conterrâneo, Prof. Doutor José Neto, utilizando a psicologia do desporto, de que é especialista, abordou os pontos : a força do otimismo; capacidade de motivação; a presença da autoconfiança e o poder de coesão para atingir o sucesso. Apresentou alguns exemplos de estratégias capazes de ajudar o verdadeiro núcleo da nossa organização social, a família, a combater o estado de crise e a conquistar o futuro.

O Prof. Doutor José Neto, é um ilustre Paçense, Licenciado em Educação Física, Mestre em Psicologia Desportiva, Doutor em Ciências do Desporto e Docente Universitário.



A catequese e suas festas

Maio e Junho, são os meses em que a catequese celebra as suas festas. São momentos que envolvem os filhos e os pais, na preparação e na celebração das várias festas. A consciência de que a catequese não tem sentido sem a família, tem sido o caminho percorrido com a envolvimento dos pais no itinerário catequético, principalmente numa forte participação nas várias celebrações da catequese. Fizeram a

primeira comunhão, este ano, Arreigada – 27, Ferreira – 44, Frazão 35; e a Profissão de Fé, Arreigada – 32, Ferreira – 55, Frazão – 49.

Outro momento grande é a festa do Corpo de Deus, que praticamente encerra o ano da catequese. Participaram nas três procissões realizadas nas três comunidades, as crianças, os pais, os catequistas e um grande número de fiéis.



Peregrinação a Fátima



Como é habitual, a marcar o início das atividades pastorais, tivemos no dia 22 de Setembro a nossa peregrinação a Fátima. Calcula-se que este ano eram mais de duas mil pessoas. Às nove horas da manhã concentramo-nos nos Valinhos para darmos início à oração da Via Sacra. Depois esta numerosa multidão fez uma caminhada de oração e meditação até ao recinto do Santuário para, na Basílica da Santíssima Trindade, encerrar a manhã com a adoração do Santíssimo e a oração do terço.

Já da parte de tarde, também na Basílica da Santíssima Trindade, foi celebrada a eu-

caristia, que encerrou esta peregrinação. Na homilia, a partir dos textos da missa, o Pe Samuel referiu a importância de *“vivermos, todos, com simplicidade e humildade e fazer da nossa própria vida um serviço aos outros. Este é o melhor caminho para fazer numa sociedade em crise e faminta de laços de amor e fraternidade”*. No final foi revelada a surpresa há muito anunciada e que todos aguardavam com ansiedade: a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima irá estar no meio das nossas comunidades de 16 a 21 de Outubro para celebrarmos a festa do Rosário.

Festa do Rosário

Entre os dias 17 e 21 de Outubro, as paróquias de S. Pedro de Arreigada, S. Pedro de Ferreira e S. Martinho de Frazão receberam a visita da imagem peregrina de N^a. Sr^a. de Fátima. Tratou-se de uma visita intitulada de Extraordinária, uma vez que esteve presente nestas comunidades há cinco anos atrás. No atual ambiente social desfavorável teve esta visita da imagem peregrina a particularidade de assinalar o início do Ano da Fé e de unir as

comunidades paroquiais, através da oração, pedindo a Deus, por intercessão de Maria, trabalho e o pão de cada dia.

No dia 17 a imagem peregrina visitou a paróquia de S. Pedro de Arreigada, tendo sido celebrada uma eucaristia com os idosos e doentes da comunidade pelas 15h30. Às 19h30 a imagem peregrina passou pelas principais ruas da paróquia, tendo sido saudada por uma multidão bastante emocionada. Às 21h30



desse mesmo dia, realizou-se uma procissão de velas em honra de N^a. Sr^a. de Fátima, a qual contou com uma elevada participação das crianças da catequese, bem como de todos aqueles que lhe quiseram prestar a devida homenagem. Chegados à igreja paroquial, foi feita a exposição do Santíssimo Sacramento e que permaneceu em adoração durante toda a noite, tendo sido definidos horários de adoração pelos diversos lugares da paróquia. Este tempo forte de oração encerrou com a celebração da eucaristia pelas 06h30 da manhã, eucaristia celebrada pela santificação do trabalho humano. Para finalizar essa longa e bela noite de oração, de encontro com a Mãe do Céu e com o Senhor Jesus, foi distribuída uma bebida quente a todos os presentes, com o pão benzido na eucaristia.

No dia 18 a imagem peregrina visitou a paróquia de S. Martinho de Frazão e no dia 19 foi a vez da paróquia de S. Pedro de Ferreira. O programa destes dois dias foi similar ao realizado em Arreigada. De salientar a forte adesão das pessoas à oração. Houve quem permanecesse durante toda a noite em vigília e adoração e participasse nos acontecimentos das paróquias irmãs.

No sábado, dia 20 de Outubro, pelas

21h30, realizou-se a já conhecida “Procissão das Senhoras” que contou com a presença dos andores de N^a. Sr^a. de Fátima, N^a. Sr^a. das Candeias, N^a. Sr^a. da Piedade, N^a. Sr^a. da Luz e N^a. Sr^a. dos Remédios. Tendo cada um partido do seu lugar de origem encontraram-se todos no largo da Igreja Matriz de S. Martinho de Frazão.

No domingo realizou-se a grande Festa do Rosário, presidida pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Pio Alves, Bispo Auxiliar do Porto. Esta teve início às 09h30 no largo da Igreja Matriz de Frazão com a bênção das rosas, trazidas pelas mulheres. De seguida realizou-se uma majestosa procissão até ao Pavilhão da Paróquia de Frazão, tendo culminado com a celebração da eucaristia. Esta celebração contou com a presença de cerca de 3.500 pessoas que quiseram honrar a Mãe do Céu nos vários títulos que lhe são atribuídos nas nossas comunidades. Foi uma cerimónia repleta de emoção, marcada pela fé deste povo, que tocou fundo o coração de cada um e o inundou de paz. Saímos convictos que juntos, com fé e esperança que colocamos nas mãos de Deus seremos como uma equipa vencedora que há-de ultrapassar as dificuldades que atualmente atravessamos.

Homilia na festa do Rosário



1. Sob o olhar materno da Santíssima Virgem, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, vivemos a grande festa da família dos filhos de Deus: a celebração da Eucaristia, especialmente a celebração dominical¹.

A presença do Bispo na vossa comunidade inter-paroquial oferece-nos a oportunidade para mais facilmente nos unirmos aos grandes acontecimentos que, nesta ocasião, vive a Igreja Universal: a celebração dos cinquenta anos da abertura do Concílio Vaticano II; a celebração, em Roma, do Sínodo dos Bispos, que tem como tema a nova evangelização; o Ano da Fé, que iniciámos no passado dia 11; e, hoje, o Dia Mundial das Missões.

É este o contexto festivo da nossa celebração. Com a intercessão maternal de Maria Santíssima, temos especialmente presentes todas as mulheres: as mães que já o são ou que podem vir a ser e as que já vivem com Deus o prémio da sua generosa maternidade. Pedimos também pela nossa Sociedade: que os governantes, com a leal colaboração de todos, encontrem o melhor rumo para o nosso País; que todos, mas mesmo todos, encontrem o trabalho que sustente a sua dignidade e garanta às famílias o pão de cada dia.

Os inúmeros títulos com que os cristãos de todos os tempos chamaram e chamam a Santíssima Virgem – temos aqui um exemplo nas [cinco] imagens presentes nesta celebração – manifestam não só a piedade mariana e o carinho dos fiéis para com a Mãe de Deus como também a profundidade de uma vida vivida em Deus e para Deus.

Senhora do Rosário, entre outros conteúdos possíveis, evoca, em palavras de João Paulo II,

essa oração que, “amada por numerosos Santos e estimulada pelo Magistério (da Igreja), se foi formando gradualmente no segundo milénio ao sopro do Espírito de Deus (...); oração de grande significado e destinada a produzir frutos de santidade”¹.

2. O Santo Padre Bento XVI, na carta A Porta da Fé, que nos escreveu para preparar o Ano da Fé que se iniciou no passado dia 11, convidando-nos a reencontrar o fundamento da nossa fé. Sem esse pressuposto, deixam de ter alicerce – escreve – “as consequências sociais, culturais e políticas da fé”. Por isso, “a Igreja no seu conjunto, e os Pastores nela, como Cristo, devem pôr-se a caminho para conduzir os homens fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida, a vida em plenitude”². Termina a Carta confiando “este tempo de graça” à Mãe de Deus, “proclamada feliz porque acreditou”³.

A Liturgia da Palavra desta Missa de Nossa Senhora do Rosário põe diante dos nossos olhos a fecundidade da fé.

A primeira leitura, do Livro do Génesis (12, 1-7), evoca a figura de Abrão, nosso pai na fé (cfr. Gal 3, 6-9). Apoiado apenas na total confiança em Deus, deixa a sua terra, a família e a casa de seu pai e vai para a terra que Deus lhe indicou. A promessa de que teria uma numerosa descendência cumpre-se com a generosidade que só encontramos em Deus: aí, está Aquele que seria a Mãe do Redentor e o próprio Jesus Cristo, estamos todos nós.

Como nos relata o texto do Evangelho (Lc 1, 26-38), Maria de Nazaré, filha de Abraão, ouve sem reservas, no seu coração e na sua vida, a

¹ João Paulo II, Carta Apostólica o Rosário da Virgem Maria ² Bento XVI, A Porta da Fé ³ Ibidem

voz de Deus que lhe chega por intermédio do Anjo. Acredita que “a Deus nada é impossível” e põe-se plenamente à disposição dos desígnios divinos: “Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”.

3. Minhas irmãs, meus irmãos:

O caminho da fidelidade, na vida de todo ser humano, não está isento de dificuldades. A certeza da fé em Deus por Jesus Cristo percorre o caminho da cruz: “o discípulo não é superior ao mestre” (Mt 10, 24).

A Santíssima Virgem é confirmada nessa realidade por Simeão: o seu Filho será “sinal de contradição” e uma “espada trespassará” a alma de Maria (cfr. Lc 2, 34-35). Desde aí até à solidão do Calvário, “mediante a sua fé, Maria está perfeitamente unida a Cristo no seu despojamento. (...) Mediante a fé, a Mãe participa na morte do Filho, na sua morte redentora. Bem diferente da fé dos discípulos, que se puseram em fuga, a fé de Maria era muito mais esclarecida”⁴.

É a Santíssima Virgem quem mantém viva e unida a Igreja nascente nesse intervalo cheio de interrogações que vai da Ascensão até à vinda do Espírito Santo: “Todos perseveravam unidos em oração, em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus”, como nos recorda o Livro dos Atos dos Apóstolos (1, 12-14). A fé é a chave de leitura de toda a sua existência. Maria viveu do modo mais perfeito a “obediência da fé, pela qual o homem se entrega total e livremente a Deus”⁵. “Acreditar, escreve João Paulo II, quer dizer ‘abandonar-se’ à própria verdade da palavra de Deus vivo, sabendo e reconhecendo humildemente ‘quanto são insondáveis os seus desígnios e imperscrutáveis os seus caminhos (Rom 11, 33). Pela eterna vontade do Altíssimo veio Maria a encontrar-se, por assim dizer, no próprio centro dos ‘imperscrutáveis caminhos’ e dos ‘insondáveis desígnios’ de Deus e conforma-se a eles na obscuridade da fé, aceitando plenamente e com o coração aberto tudo quanto é disposição dos desígnios divinos”⁶.

“O Senhor fez em mim maravilhas: Santo é o seu nome”! (Lc 1, 49). Maria, a mais perfeita e fiel das criaturas, mostra-nos o caminho da fide-

lidade e afirma, com a sua vida, a possibilidade de o percorrer.

4. As dificuldades não são, necessariamente, obstáculo à felicidade. Unidos a Cristo, identificados com a Sua vontade, todos nós podemos descobrir, como Maria, que os entraves, de qualquer tipo, não são obstáculos intransponíveis. São a matéria dos degraus que poderão levar-nos mais longe e mais alto. E o nosso mundo, e o mundo à nossa volta, necessita sinais de esperança, de sereno realismo, de alegria consolidada!

A fé em Jesus Cristo – não simplesmente as manifestações espontâneas de religiosidade – é esse alicerce profundo sobre o qual se pode construir uma vida que não se deixa abalar por contrariedades, por revezes de fortuna, por incompreensões, por infidelidades. Por quantas histórias destas teve que passar a Mãe de Jesus! Vale a pena ter à vista a totalidade da sua vida para aprender que, com razão, a Liturgia da Igreja lhe faz este elogio da Sabedoria: “Eu sou a mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim está toda a graça do caminho e da verdade” (Sir 24, 23-31).

Sempre, e particularmente neste Ano da Fé, necessitamos encontrar quem nos ajude a reconduzir-nos ao essencial. E o essencial é Jesus Cristo. A fé, escreve Bento XVI, “é companheira de vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós. Solícita a identificar os sinais dos tempos no hoje da história, a fé obriga cada um de nós a tornar-se sinal vivo da presença do Ressuscitado no mundo. Aquilo de que o mundo tem hoje particular necessidade é o testemunho credível de quantos, iluminados na mente e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e a mente de muitos outros ao desejo de Deus e da vida verdadeira, aquela que não tem fim”⁷.

Pedimos ao Senhor, por intercessão de N^{ra} Senhora do Rosário de Fátima, que, como ela, nos ajude a vencer as dificuldades que nos rodeiam e a sermos fortes e felizes na fé.

+Pio Alves, Bispo Auxiliar do Porto

⁴ Ibidem ⁵ João Paulo II, A Mãe do Redentor ⁶ Ibidem ⁷ Bento XVI, A Porta da Fé

Magusto

No dia 11 de Novembro de 2011 comemorou-se o tradicional Dia de S. Martinho nos nossos Centros.

Foi uma tarde em que se juntaram os meninos das valências de SAF e ATL, e os idosos das valências de Centro de Dia e Centro de Convívio. Os idosos começaram por ensinar às crianças como se assavam as castanhas nos assadores tradicionais.

As crianças ouviram atentamente mas o que queriam mesmo era experimentar assá-las, eles próprios, para depois comer as castanhas que ficavam com um aspe-



to delicioso. O convívio estendeu-se pela tarde fora com a apresentação de algumas dramatizações e cantigas tradicionais desta época festiva.

Foi uma tarde bem passada repleta de muitas gargalhadas e brincadeiras.

Aulas de Ginástica



Duas vezes por semana os idosos das nossas instituições participam ativamente nas aulas de ginástica e hidroginástica, uma atividade dinamizada pela Câmara Municipal. Os exercícios que realizam servem para promover o seu bem-estar físico e social, ativar a motricidade fina e a agilidade de movimentos, para além de promover o convívio entre os idosos das diferentes instituições do concelho.

Os nossos utentes têm manifestado a sua satisfação pois a partir do momento em que passaram a frequentar as aulas de ginástica sentem-se mais capazes de realizar algumas atividades do quotidiano que até então lhe eram quase impossíveis.

Almoço de Natal

Natal, festa da família, da partilha e do encontro. Como forma de marcar estes sentimentos realizamos o nosso almoço de Natal com todos os utentes das valências de

Centro de Convívio, Centro de Dia e Apoio Domiciliário. Este ano fizemos a opção de não juntar os utentes dos três centros, tornando o momento mais acolhedor e in-

timista e com outro calor humano. Houve festa, alegria, partilha e confraternização, só que desta vez sem a deslocação para o grande auditório que é o pavilhão gimno-desportivo de Frazão. Foi na casa em que cada um está vinculado.

Como forma de criar uma maior familiaridade entre os utentes das várias valências, uma partilha de experiências e histórias de vida, temos promovido um almoço mensal, a terceira quinta-feira de cada mês. Procuramos que sejam almoços tradicionais e que estejam ligados a acontecimentos marcantes da época que se atravessa, por exemplo, a rejoadada, no S. Martinho, o cozi-



do à portuguesa, no Carnaval, entre outros. Esta iniciativa tem-se verificado muito gratificante para os nossos idosos uma vez que proporciona momentos de interação onde partilham momentos de alegria e experiências e quebram a rotina do dia-a-dia.

Festa de Natal das Crianças



Porque a tradição ainda é o que era, no dia 7 de Janeiro as valências de SAF e ATL, do Complexo Social Inter-paroquial de Arreigada, Ferreira e Frazão, realizaram a habitual festa de reis. Este ano os anfitriões da festa foram os de Ferreira.

Apesar da noite gelada, o auditório do Centro Paroquial de Ferreira foi pequeno para albergar os pais e familiares das nossas crianças que trouxeram uma animação extra, curiosos

que estavam por ver as atuações dos mais pequenos. As crianças estavam entusiasmadas e ansiosas por mostrar as suas capacidades artísticas e o trabalho que vão realizando com os seus educadores e animadores. Desempenharam os seus papéis com muito brilhantismo, tendo proporcionado uma noite de festa e alegria a todos os presentes.

No final da festa, e como justo prémio, receberam um anjinho recheado de guloseimas.

Centro Paroquial de Arreigada

10º Aniversário da sua inauguração

No dia 22 de abril, o Centro Social e Paroquial de Arreigada celebrou o 10º aniversário da inauguração do edifício do centro paroquial. O Pároco e presidente da instituição celebrou eucaristia solene de Acção de Graças, no auditório. Na sua homilia salientou a importância daquela construção: *“este espaço proporcionou à comunidade crescer no setor pastoral e social”*. No centro paroquial funciona toda a atividade pastoral paroquial e as valências da instituição social: centro de dia, centro de convívio e ATL. No final da eucaristia, a junta de freguesia atribuiu ao Pe Samuel o brasão da freguesia, uma peça solene, decisão por unanimidade da assembleia de freguesia, como forma de



gratidão pelos 17 anos ao serviço desta comunidade e para assinalar 10º aniversário da inauguração deste edifício paroquial.

Festa da Amizade



No dia 29 de Junho de 2012, realizou-se a Festa da Amizade do Complexo Social e Interparoquial de Arreigada, Ferreira e Frazão, no Pavilhão Desportivo de Frazão.

Nesta festa foi dado a conhecer aos pais e familiares as apresentações que as nossas crianças ao longo do ano letivo preparam.

Foi bom e gratificante ver a alegria no rosto de todos ao apresentarem o resultado do seu trabalho. Grande parte das apresentações foram de dança, o que provou a

todos que temos dançarinos bastante promissores.

As músicas foram diversificadas e todos os dançarinos trajavam a rigor. Não faltaram cowboys, pintainhos, corações de chocolate, havaianas, maracas, ginástica acrobática, marchas populares, etc...

No final da festa os educadores, monitores e auxiliares que trabalham diariamente com as crianças presentearam-nos com uma dramatização da história da Ca-



rochinha. Foi uma apresentação surpresa e que deixou os nossos meninos boquiabertos com o desempenho dos nossos funcionários.

Para encerrar a festa todas as crianças

foram chamadas ao palco para cantar a música final “A Canção dos Amigos” em conjunto e receber uma lembrança que ficará de recordação desta festa que encerra o ano letivo.

Dia da Paróquia e do Padroeiro



Mais uma vez, no dia 1 de julho, as paróquias de Arreigada e Ferreira celebraram o dia da paróquia e do padroeiro. A festa constou da eucaristia solene em honra de S. Pedro e almoço paroquial seguido de tarde de convívio. Este ano a festa teve uma parti-

cularidade: no final da eucaristia, procedeu-se à bênção e inauguração de duas carinhas adaptadas para cadeiras de rodas, uma para cada centro social correspondente. As carinhas foram subsidiadas pela segurança social e pela preciosa ajuda da população local.

Passeio anual de idosos e crianças

Como vem sendo hábito o mês de julho é de encerramento das grandes atividades, antecipando o tempo de férias. No dia vinte e seis deste mês tivemos o passeio anual dos idosos que, manhã cedo, e com o sol a prometer um dia quente, partiram em direção a Oliveira de Azeméis, onde visitaram o Santuário de La Salette. Daqui seguiram para Mogofores, onde, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, foi rezada a oração do terço. Seguiu-se depois o almoço no parque de merendas de Mogofores, mesmo ao lado

do Santuário. A tarde foi animada com música, dança e jogos tradicionais, tendo encerrado com um lanche, extraordinário de carne succulenta.

Já o dia trinta e um foi de passeio para as crianças. Um dia pleno de alegria, boa disposição e as habituais brincadeiras na areia, na praia da Agudela, em Matosinhos. É claro que não foram descuradas todas as precauções de um dia de praia, nomeadamente os chapéus, as sombras, as proteções solares e a indispensável água.



Novo espaço para os nossos centros sociais



No passado dia 27 de setembro, os nossos idosos do complexo social inter-paroquial viveram um dia de convívio e de festa. O acontecimento marcou a inauguração de mais um espaço polivalente, no novo edifício de Arreigada, que lhe queremos chamar o polo II do centro paroquial. Trata-se de um edifício que a Paróquia de Arreigada comprou em 2005. O prédio, na sua origem, estava destinado a dois aparta-

mentos e uma loja. É claro que a paróquia ao adquirir este imóvel, foi a pensar em mais um equipamento para desenvolver as suas atividades paroquiais. Este espaço, agora adaptado, os dois apartamentos, para espaços polivalentes e a loja para uma cozinha industrial, já a ser equipada, que vai servir todas as refeições do três centros sociais das nossas comunidades paroquiais.



Caríssimos

No passado dia 11 de outubro, o Santo Padre Bento XVI abriu solenemente o Ano da Fé que decorre até ao dia 24 de novembro de 2013. Este ano extraordinário *“é um convite para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo”* (Porta Fidei, 6). Nesta data de 11 de outubro coincidem dois aniversários: o 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e o 20º aniversário da promulgação do Catecismo da Igreja Católica. Com este tempo de graça, o Santo Padre convida toda a Igreja para uma *“autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo”*. O objetivo principal deste ano é que cada cristão *“possa redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência cada vez maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo”*.

No próximo dia 4 de Novembro, o Senhor D. Manuel Clemente fará a abertura formal do Ano da Fé, na nossa diocese do Porto, numa eucaristia, por ele presidida,

Caminhamos, juntos, na Alegria de Fé

na Sé Catedral. Várias iniciativas estão já agendadas para este grande tempo. Destaco as Jornadas Vicariais da Fé, a realizar nos próximos dias 2 e 3 de Março, presididas pelo Bispo Diocesano e com a presença do Senhor D. Pio, na nossa vigararia de Paços de Ferreira.

Não podemos deixar de aproveitar esta maravilhosa caminhada que a Igreja nos oferece para redescobrirmos a nossa identidade cristã e aprofundarmos os nossos conhecimentos no campo da fé. Ser cristão hoje implica uma decisão esclarecida. Não podemos ficar só com o que aprendemos na catequese de infância ou o que nos transmitiu a família. Nós, cristãos, não podemos ficar alheios às profundas transformações da sociedade. Outrora, quase todos eram cristãos, todos eram batizados, todos faziam as comunhões e estes hábitos e costumes eram transmitidos de gerações para gerações. Mas o ambiente mudou de forma radical: o materialismo é dominante, a descrença e a indiferença avançam a largo passo, assim como o aparecimento dos novos movimentos religiosos. A fé já não é a única alternativa que se apresenta às pessoas, muito menos, uma obrigação como antigamente. A fé, hoje, tem de ser uma decisão livre e da consciência de cada um.

É importante, não esquecermos que a nossa fé cristã tem uma história maravilhosa. Começou há muitos séculos e foi vivida por muitas e muitas gerações. Foi pelo nosso batismo que chegamos a essa

fê. Naquele dia, os nossos pais e padrinhos, levaram-nos à igreja para sermos inseridos dentro de uma grande comunidade, a família dos filhos de Deus, a Igreja. Depois, nós próprios, através dos conhecimentos que aprendemos na catequese fomos vivendo o encontro com Cristo na celebração dos sacramentos: a comunhão eucarística, a penitência e a confirmação. Ora, ao recebermos a fê da Igreja, entramos numa história maravilhosa de 2000 anos. Esta fê tem origem em Jesus Cristo, vem desde os apóstolos e foi provada pela experiência de muitos santos e mártires ao longo de séculos.

É este tesouro magnífico que somos convidados a redescobrir e a vivê-lo com verdadeiro e renovado testemunho cristão. O Papa, diz: *“possa este Ano da Fé tornar cada vez mais firme a relação com Cristo Senhor, dado que só nele temos a certeza para olhar o futuro e a garantia dum amor autêntico e duradouro”*.

Procuremos todos, ao longo deste ano, empenharmo-nos em aproveitar este tempo favorável para conhecermos melhor o Catecismo da Igreja Católica e/ou o seu compêndio. Como seria bom que, à semelhança da Sagrada Escritura, em cada casa houvesse um Catecismo da Igreja Católica. Temos ainda o Youcat, um catecismo para os mais jovens, publicado no ano passado.

É importante que os nossos grupos paroquiais participem nas iniciativas e nos encontros de formação que vão surgindo ao longo do ano.

A catequese paroquial: nas reuniões de pais, auxiliar os pais a viver a caminhada com os filhos no caminho da fê, ajudando-os a reconhecerem-se como os primeiros catequistas; nos encontros de catequistas:

procurar participar sempre na formação proposta, toda ela a incidir na responsabilidade dos nossos catequistas como principais atores no itinerário da fê.

A liturgia: tempo e espaço para a celebração da fê. Quanto é importante a formação dos nossos acólitos, leitores, coros, Ministros Extraordinários da Comunhão, para que as nossas celebrações nos ajudem a saborear a beleza da festa da fê. O Credo há-de ser sempre o suporte de toda a nossa formação e vivência.

Mas não posso deixar de sugerir que cada um em particular programe um itinerário a viver durante este ano, procurando participar em alguns momentos que a paróquia e a diocese propõem, assim como a procura da bibliografia que a igreja nos vai apresentando ao longo do ano.

Não podemos esquecer que, durante este ano, ressoam ao nosso pensamento e à nossa reflexão, as palavras do livro dos atos dos apóstolos: *“Eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à comunhão, à fração do pão e à oração”* (at 2, 42). Aqui está uma boa caminhada para fazermos, juntos e com alegria, neste ano da fê. Aprender e aprofundar, isto é, enriquecer o tesouro da fê que nos foi transmitido, desde os apóstolos, viver em comunhão com toda a Igreja a beleza deste tesouro, alimentarmo-nos de Jesus Cristo, que se fez pão para todos nós e *“cantarmos ao Senhor por tudo o que ele fez por nós”*.

Quero desejar a todos um grande Ano da Fé. Seja ele, como dizem os nossos Bispos na sua carta, *“uma oportunidade para descobrirmos ou reencontrarmos o dom e a novidade da nossa vida em Cristo”*.

15 de Outubro de 2012
Memória de St^a. Teresa de Jesus
Pe Samuel Guedes

Agenda

NOVEMBRO DE 2012

- 01 - Dia de Todos os Santos
- 02 - Dia dos Fiéis Defuntos
- 08 - Inscrições para Batismos – Arreigada e Frazão
- 11 - S. Martinho – Dia do Padroeiro e da comunidade paroquial de Frazão
- 12 - Vigília de Oração pelos Seminários – Arreigada
- 13 - Vigília de Oração pelos Seminários – Frazão
- 14 - Vigília de Oração pelos Seminários – Ferreira
- 15 - Reunião de preparação para os Batismos Arreigada e Frazão
- 18 - Batismos em Arreigada e Frazão
- 19 - Encontro de acólitos e leitores – Arreigada
- 20 - Encontro de acólitos e leitores – Frazão
- 21 - Encontro de acólitos e leitores – Ferreira
- 25 - Festa de Cristo Rei
- 26 - Conselho da Fábrica da Igreja – Arreigada
- 27 - Conselho da Fábrica da Igreja – Frazão
- 28 - Conselho da Fábrica da Igreja – Ferreira
- 29 - Encontro de Catequistas com D. Pio Alves

DEZEMBRO DE 2012

- 02 - I Domingo do Advento (Ano C)
- 08 - Festa da Imaculada Conceição
- 13 - Encontro de catequistas - Arreigada, Ferreira, Frazão
- 16 - Exposição e Adoração do Santíssimo Sacramento nas Igrejas Paroquiais
- 23 - Bênção das Mães Grávidas
- 25 - Dia de Natal
Neste dia Benzem-se as imagens do Menino Jesus
- 30 - Festa da Sagrada Família
Dia Paroquial da Família – Jubileu dos Casais

JANEIRO DE 2013

- 01 - Santa Maria Mãe de Deus
Dia de Ano Novo
- 02 - Inscrições para Batismos – Ferreira
- 05 - Início da Catequese depois do Natal
- 06 - Solenidade da Epifania do Senhor
- 10 - Reunião de preparação para o Batismo – Ferreira
- 13 - Domingo do Batismo do Senhor
Batismos em Ferreira
- 14 - Conselho Inter-paroquial de Pastoral
- 28 - Reunião de pais das crianças do 3º e 6º ano Arreigada

- 29 - Reunião de pais das crianças 3º e 6º ano – Frazão
- 30 - Reunião de pais das crianças 3º e 6º ano – Ferreira

FEVEREIRO DE 2013

- 02 - Festa de Nª Sª das Candeias – Frazão
- 03 - Festa de S. Brás – Frazão
- 04 - Encontro de catequistas – Arreigada
- 06 - Encontro de catequistas – Ferreira
- 07 - Encontro de catequistas – Frazão
- 08 - Dia Paroquial do Doente e do Idoso
- 13 - Quarta-feira de Cinzas – Celebração das Cinzas
- 15 - Primeiro Encontro de Preparação para o Matrimónio
- 18 - Visita do Pároco aos doentes de Arreigada
- 18 - Encontro de acólitos e leitores – Arreigada
- 19 - Encontro de acólitos e leitores – Frazão
- 19 - Visita do Pároco aos doentes de Frazão
- 20 - Encontro de acólitos e leitores – Ferreira
- 20 - Visita do Pároco aos doentes de Ferreira
- 22 - 2º Encontro de Preparação para o Matrimónio
- 16 - Festa da Palavra nas três paróquias
- 17 - Exposição e Adoração do Santíssimo Sacramento nas Igrejas Paroquiais
- 24 - Exposição e Adoração do Santíssimo Sacramento nas Igrejas Paroquiais

MARÇO DE 2013

- 02 e 03 - Jornadas Vicariais da Fé
- 03 - Exposição e Adoração do Santíssimo Sacramento nas Igrejas Paroquiais
- 10 - Exposição e Adoração do Santíssimo Sacramento nas Igrejas Paroquiais
- 12 - Celebração do Sacramento da Reconciliação Arreigada e Frazão
- 13 - Celebração do Sacramento da Reconciliação Ferreira
- 16 - Festa do Pai Nosso nas três paróquias
- 17 - Festa do Pai
- 24 - Domingo de Ramos
Dia Mundial da Juventude
Aniversário da Tomada de Posse do D. Manuel Clemente
- 28 - Quinta-feira Santa
Missa da Ceia do Senhor
- 29 - Sexta-feira Santa
Celebração da Paixão do Senhor
- 30 - Sábado Santo
Vigília Pascal
- 31 - Domingo da Páscoa da Ressurreição

Arreigada – Ferreira – Frazão

Ano Pastoral 2012 – 2013

ABRIL DE 2013

- 06** - Início da Catequese depois da Páscoa
- 10** - Inscrições para o Batismo – Ferreira
- 11** - Inscrições para o Batismo – Arreigada e Frazão
- 15** - Vigília de Oração pelas Vocações Consagradas Arreigada
- 16** - Vigília de Oração pelas Vocações Consagrada Frazão
- 17** - Vigília de Oração pelas Vocações Consagradas Ferreira
- 18** - Reunião de preparação para o Batismo Arreigada e Frazão
- 20** - Festa da Vida nas três paróquias
- 21** - Batismos em Arreigada e Frazão
- 22** - Conselho da Fábrica da Igreja – Arreigada
- 23** - Conselho da Fábrica da Igreja – Frazão
- 24** - Conselho da Fábrica da Igreja – Ferreira
- 24** - Reunião de preparação para o Batismo – Ferreira
- 28** - Batismos em Ferreira
- 29** - Encontro de catequistas Arreigada, Ferreira, Frazão

MAIO DE 2013

- 05** - Primeira Comunhão em Arreigada
- 12** - Domingo da Ascensão
Festa do Anjo da Guarda – Arreigada
Primeira Comunhão em Frazão
- 18** - Festa do Envio nas três paróquias
- 19** - Domingo de Pentecostes
Primeira Comunhão em Ferreira
- 26** - Domingo da Santíssima Trindade
Profissão de Fé – Frazão

JUNHO DE 2013

- 02** - Festa do Corpo de Deus
Procissão do Corpo de Deus nas três Paróquias
- 07** - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus
Oração pela Santificação dos Sacerdotes
- 09** - Festa de N^a S^a da Piedade – Moinhos
Profissão de Fé – Arreigada
- 16** - Profissão de Fé – Ferreira
- 23** - Festa da Fé com as crianças que fizeram as Comunhões

- 24** - Solenidade de S. João Baptista – Frazão
- 30** - Dia do Padroeiro e da comunidade paroquial - Arreigada
Dia do Padroeiro e da comunidade P. Ferreira

JULHO DE 2013

- 01** - Conselho Inter-paroquial de Pastoral
- 07** - Encontro de Gerações
- 10** - Aniversário da Ordenação Sacerdotal do P.e Samuel
- 16** - Inscrições de Batismos – Arreigada e Frazão
- 17** - Inscrições de Batismos – Ferreira
- 25** - Reunião de preparação para o Batismo Arreigada e Frazão
- 25** - Festa de S. Tiago - Ferreira
- 26** - Reunião de preparação para o Batismo Ferreira

AGOSTO DE 2013

- 04** - Batismos em Arreigada
- 11** - Batismos em Frazão
- 15** - Solenidade da Assunção de Nossa Senhora
Batismos em Ferreira

SETEMBRO DE 2013

- 08** - Festa de N^a S^a da Luz – Ferreira
- 15** - Festa de N^a S^a dos Remédios – Arreigada
- 21** - Peregrinação a Fátima

OUTUBRO DE 2013

- 09** - Aniversário da Tomada de Posse do P.e Samuel em Frazão e Ferreira
- 16** - Aniversário da Tomada de Posse do P.e Samuel em Arreigada
- 16** - Inscrições para Batismos – Ferreira
- 20** - Festa do Rosário (Festa das Senhoras) Frazão
- 24** - Reunião de preparação para o Batismo - Ferreira
- 27** - Batismos em Ferreira

Nota: Estas datas podem sofrer alteração por motivo de força maior. Nesta Agenda serão marcadas outras atividades pontuais que vão surgindo ao longo do ano.

memorial

Símbolo Apostólico

Creio em Deus Pai, todo-poderoso,
criador do céu e da terra.
E em Jesus Cristo,
Seu único Filho, nosso Senhor,

Que foi concebido pelo poder
do Espírito Santo;
nasceu da Virgem Maria;
padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado.
Desceu à mansão dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia,
subiu aos Céus;
está sentado à direita de Deus
Pai Todo-Poderoso,
de onde há-de vir a julgar
os vivos e mortos.
Creio no Espírito Santo;
na Santa Igreja Católica;
na comunhão dos santos;
na remissão dos pecados;
na ressurreição da carne;
na vida eterna.
Amen